

A TRAMA ENTRE ÉTICA E POÉTICA : DIÁLOGO POSSÍVEL A PARTIR DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA*

THE PLOT BETWEEN ETHICS AND POETICS: A POSSIBLE DIALOGUE FROM GUIMARÃES ROSA'S WORK

David J. Santos

Resumo

O leitor, a princípio, ao se defrontar com um texto literário, vê-se surpreendido por uma opacidade. No entanto, essa limitação prenuncia uma metamorfose. Inaugura-se, pelo ato da leitura, uma atividade interior que pode repercutir na vida do leitor e, conseqüentemente, na própria eticidade da ação. Iluminada por alguns trechos de textos filosóficos a 'estória' de *Manuelzão* e *Miguilim* nos auxiliará a investigar essa 'passividade ativa' que a leitura provoca. Através de uma reflexão filosófica narrativa verificaremos nas ações de Manuelzão e Miguilim o impacto na vida ética do leitor.

Palavras-Chave: ética, poética, hermenêutica.

Abstract

Initially, a reader struggling with a literary text is surprised by its opacity. However, this limitation foretells a metamorphosis. By the act of reading, an inner activity arises which can reverberate in the reader's life and, consequently, in the ethicality of the action itself. Illuminated by fragments of philosophical texts, Manuelzão and Miguilim's story helps us investigate this 'active passivity' that reading provokes. Through a philosophical/narrative reflection, we will check what impacts Manuelzão and Miguilim's deeds have on the reader's ethical life.

* Artigo enviado em 01/06/2014 e aprovado para publicação em 04/11/2014.

Keywords: Ethics, Poetic, Hermeneutics.

1. INTRODUÇÃO

Miguilim e Dr. José Lourenço de Curvelo são personagens da obra literária *Manuelzão e Miguilim* de Guimarães Rosa. Figuras que agem dentro de um contexto (possuem ação, possuem movimento) e, portanto, agem com o meio em que estão inseridas. Por meio da observação e análise dessas 'ações', pretende-se construir uma reflexão pessoal (narrativa) sobre ética filosófica. De modo concreto, essa reflexão tratará de analisar pela ação das personagens o impacto sobre a vida ética do leitor. De que forma o leitor, passivo ao já determinado, pode ser afetado pelo texto?

Essa discussão tem o intuito de tornar a linguagem filosófica 'palatável' ao leitor. Não tem a pretensão de portar uma linguagem rebuscada, muito menos, de explorar conceitos filosóficos. Serão as ações das personagens que fundamentarão o diálogo com alguns dos pressupostos éticos dados por Fernando Savater, Gilles Deleuze e Paul Ricoeur à luz de seus respectivos textos: *Topologia da virtude*, *Lógica do sentido e Ética como Amor-próprio*.¹

Embasados em por Paul Ricoeur (1995); buscamos desvendar de que modo se configura a *autopóiesis*² de Miguilim. Pelo árduo diálogo com Gilles Deleuze (1975); buscamos compreender o modo específico pelo qual se manifesta o "sentido" da vida moral de Miguilim. Diante da escritura de Fernando Savater (2000), fomos provocados a verificar onde se manifesta a vida "virtuosa" do Dr. José Lourenço de Curvelo.

No decorrer desta reflexão, esperamos que, juntos, reconheçamos a inspiração do título deste "artigo" e como, pelas ações das personagens, se dá o impacto na vida ética do leitor.

¹ Orienta essa construção, filosófico-narrativa, as questões propostas pelo professor Nilo Ribeiro que com dedicação nos lança ao *púbere mistério* da tradição filosófica.

² *Autopóiesis*: Termo cunhado pelos biólogos e filósofos chilenos, Francisco Varela e Humberto Maturana, indica a capacidade dos seres vivos de se autoproduzirem. Na *Ética Transcendental* (Ética voltada ao indivíduo) designa a capacidade do sujeito autoproduzir-se, escolher-se e através disso realizar na ação sua humanidade. O interesse em retomar o sentido da *autopóiesis* a partir do texto poético de G. Rosa surge da possibilidade de reconhecer nas narrativas ações éticas que subjazem a trama poética e que se tornando fonte reflexão possibilitam alterações na postura ética do leitor, que em um processo autorreflexivo pode motivado pela trama autoproduzir-se enquanto sujeito em suas ações cotidianas.

2. A Metamorfose do sujeito actante

— Por que aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? [...] Quem é que está em tua casa? [...] “Miguilim você é piticégo...” (ROSA, 106).

Miguilim não tem a vista clara. O mundo que observa, apesar de ser compreensível, é turvo e obscuro. Não pode dizer o que são, ou, o que não são as coisas com clareza. Essa penumbra o distancia do mundo da construção coletiva dos adultos, na medida em que sua visão é distinta das demais. Mas, o conjunto de significados simbólicos que permeiam a vida do garoto está prestes a sofrer uma transformação, uma mudança, uma revolução. Revolução passiva que acontece na vida de quem se abre para ver o novo, que percula de modo anestésico a “passividade ativa” do leitor. Um desvelar que auxiliará Miguilim em sua autoconstrução. Como se realiza Miguilim enquanto age? Qual é o objeto de sua ação? Como o leitor se realiza enquanto lê, “passivamente”, o conto de Manuelzão e Miguilim?

O objeto do menino enquanto age não é, nada mais, do que ele mesmo. Em um processo de autorrealização demarcado pela ação ética/moral, o objeto da ação é o próprio sujeito e tem por fim a autorrealização do sujeito enquanto age. A autorrealização de Miguilim como pessoa se faz no seu agir e passa pelo desvelar de seus olhos. O menino está posto em cena com os outros no mundo.

O “Piticégo” não está sozinho. Sua transformação impactará todo seu meio e provocará mudanças no seu modo de viver, de ver, de perceber e de sentir o mundo. O “pequeno de vista suja” inicia esse processo com o colocar das lentes que lhe revelam o velho de modo novo. O leitor junto a Miguilim, no imaginário “passivo” da leitura, constrói-se enquanto lê. A leitura o incita à reflexão. Nesse “ler-refletir”, o passivo se faz ativo. Há um duplo desvelar.

Detectado o problema do rapazinho, problema de vista curta, o senhor que o examinava e que está em cena com ele e como os outros no mundo coloca cuidadosamente as lentes no olho do garoto dizendo: Olha, agora!

Esse processo do cuidar mostra indícios da vida virtuosa do doutor José Lourenço de Curvelo que, como Miguilim, também está se produzindo no seu agir. Ao transformar o mundo do Pequeno Piticégo, o doutor José Lourenço de Curvelo se faz nessa ação, ele realiza-se nisso.

3. O Devir e o sentido da ação humana

Um mundo novo revela-se a Minguilim no momento em que as lentes são colocadas. O obscuro passa a ser percebido. A visão do menino inicia seu processo de reconstrução. Pode-se comparar essa passagem com a passagem do acorrentado da *Alegoria da Caverna* que caminha em direção ascendente à origem das sombras, ou mesmo, com a travessia de Alice no espelho relatada na obra *Lógica do Sentido*. Mas, esse devir, esse fazer-se na ação de Miguilim é acompanhado pelo dualismo previsto por, Gilles Deleuze.

Ao mesmo tempo em que o mundo de Miguilim se torna claro, se turva. Dinâmica comparada ao que acontece com o exemplo de Alice no texto de Deleuze: Quando se torna grande é pequena e quando pequena é grande. O menino ao ver as novas cores do mundo, ao observar as formigas, ao correr até a cozinha para dizer as novidades, vê algo novo, vê cores vívidas. Porém, sua compreensão depara-se diante de um “púbere mistério”.

O mais encoberto tornou-se o mais manifesto, todos os velhos paradoxos do devir reaparecerão numa nova juventude – transmutação (Deleuze, 1975, p. 8), para o menino que se constrói com os outros, que se faz na vida moral, o mundo ficou mais claro pelo poder ‘desvelador’ das lentes. Por outro lado, faz-se tenebroso com o ir das lentes. As sombras já não eram mais as mesmas. Não podia ele deixar para traz o mundo novo que se abriu diante de seus olhos. As sombras não são somente sombras – Miguilim não sabia. Todos eram maiores do que êle, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais (ROSA, G. p. 106).

O mundo de Miguilim passa pela desmistificação, assim como ocorreu no mundo de Alice. A personagem faz sua ascensão à superfície, sua desmistificação da falsa profundidade, sua descoberta de que tudo se passa na fronteira (DELEUZE, 1975, p. 10). O Garoto ascende às formas e às cores, desvela em um curto instante o que estava obscuro a seus olhos. Essa ascensão provocará mudanças na vida de Miguilim, de modo que, ao passar pela *autopóiesis*, ele não será o mesmo, se constrói enquanto sujeito na ação e estabelece o sentido de sua vida na própria vida.

Suas proposições, a partir do momento em que o mundo lhe foi desvelado, sofreram alterações. Observamos isso no correr do menino para ver as formigas, para olhar as cores, para dizer as novidades do mundo que se abre diante de seus olhos e na nova

visão que tem de seu contexto que emociona a todos no partir do Piticégo. Uma alteração no sentido de suas proposições: agora, para ele, elas são menos obscuras. Vendo o novo ele pode comparar: É isto, Não é isto! Sua linguagem se clarifica na medida em que pode ver o mundo de uma nova maneira. O leitor preso às imagens contempladas no texto de Manuelzão e Miguilim acompanha o processo do Menino e do Doutor. Inspira-se na vida virtuosa de ambos e reflete sobre as mudanças na vida de Miguilim causadas pela simples limpeza da vista. Talvez falte a quem lê limar a vista e ver o novo. Onde está o sentido da vida moral de Miguilim?

O sentido da vida moral de Miguilim está expresso nas proposições que faz sobre seu mundo, subsiste com elas. Manifesta-se especificamente na própria vida moral e é expresso pela linguagem que está ligada aos objetos e às proposições acerca do objeto. O sentido não existe fora da proposição. [...] O acontecimento é o próprio sentido (Deleuze, 1975, p. 23).

4. A vida virtuosa e a relação com outrem

A virtude diz respeito à condição humana que pode ser enxergada, que pode ser reconhecida à simples vista no espaço público em que ocorre a interação social (SAVATER, 2000, p. 100). A virtude tomada como efeito, como produto da ação 'moralista', esvazia-se de generosidade. Caso o doutor baseasse suas ações morais, puramente no dever moral, sua virtude seria semelhante à virtude dormitiva do ópio, passível à redução de suas causas. Na vida do Dr. José Lourenço de Curvelo, percebe-se, que a virtude dele é reconhecida à simples vista e descrita pelo narrador: O doutor era homem muito bom, levava o Miguilim, lá êle [ele] comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício (Rosa, 106). Essa passagem não abre espaço para uma análise moral da vida de Curvelo, mas reconhece nele a bondade. Bondade como atitude da pessoa boa, bondosa.

Não cabe analisar o que o levou a ser virtuoso e reconhecido como bondoso. São os traços que Curvelo escolheu pela liberdade, ocultos a quem admira a ação virtuosa e a apreende pela imitação. Alguns dos motivos que o leva a ter uma vida virtuosa estão ocultos até para ele. Quem se defronta com esse fragmento de texto, confronta-se internamente com a vida virtuosa do Doutor. Pode inspirar-se nela e produzir ações que sejam imitações dos atos

excelentes praticados pela personagem. A vida virtuosa do Dr. José Lourenço de Curvelo aparece em seus atos, em sua prática. Talvez no desejo implícito de fornecer um ofício a Miguilim, pois devia reconhecer que o ter ofício fazia-lhe bem.

Essa virtude também é dada nas lágrimas que lhe saltam sobre a face, quando, montado a cavalo, vê Miguilim emocionar-se com sua partida. Quando participa da autorrealização do outro também se autorrealiza como pessoa humana. Essa narrativa pode auxiliar o leitor no aspecto da apropriação da virtude. Quando deparado com a vida virtuosa de Curvelo, o leitor pode se sentir chamado à virtude e pela assimilação do que lhe está presente, reproduzir em sua vida atitudes que busquem a excelência e não os vícios.

A mudança no modo de ver o mundo de Miguilim inspira a contemplação das coisas que estão no mundo e a reflexão sobre elas. O limpar a vista do Piticégo é o limpar a vista do leitor. Assim, o autoconstruir-se na ação de Miguilim inspira o processo *autopoiético* do leitor. Ação, autorrealização e objeto se mostram intimamente ligados.

Esses processos de *autopóiesis*, de sentido da vida moral e de vida virtuosa, no texto, não estão dados somente na “vida” de Miguilim e de Curvelo: estão explícitos na vida da mãe que, vendo o que considerava melhor, se despede do filho; realiza-se enquanto mãe. Estão no pai e nas pessoas que vão à sua despedida: todos, sem exceção, são possuidores por excelência desses processos. Quem lê na “passividade ativa” da leitura também se apropria de todo o ocorrido. A *autopóiesis*, o sentido da vida moral e a vida virtuosa manifestas nas personagens possivelmente serão partes integrantes do leitor.

5. Considerações finais

Como Miguilim, o leitor não está sozinho no mundo. Há algo que o tangencia e que o provoca. Ao abrir seu livro, desvela-se diante dele um novo mundo, repleto de significações e possibilidades. A “estória” e as personagens estão em um “movimento inerte” que afeta o leitor.

O fechar as páginas corresponde ao colocar das lentes de Miguilim: inicia-se nesse instante a metamorfose da personagem e do observador. O mundo que cerceia o leitor está prestes a sofrer

alterações devido à reflexividade que a passividade da leitura provoca. De “volta ao mundo”, suas ações sofrerão o possível impacto desse novo olhar, ao refletir sobre o que o texto desvela e posto diante das ações virtuosas de Curvelo. O leitor pode ser conduzido por seu inconsciente a tomar atitudes semelhantes e, por imitação, a tornar-se virtuoso.

Esse desvelar, esse quebrar os grilhões que são a consequência da leitura, do fechar o livro e do sair de sua caverna particular conduzem o leitor à sua autoconstrução. Como sujeito da ação se fará. Do mesmo modo que não estão sozinhas as personagens da obra *Manuelzão e Miguilim* também não está o leitor. O mundo que o tangencia interage com ele e provoca seu retorno, sua subida, à fonte da inspiração literária. É nessa ascensão à superfície, nesse retorno ao mundo, que será reconhecido como ser virtuoso através da imitação dos atos virtuosos das personagens.

Possivelmente, o leitor reconhecerá como diz Deleuze que tudo se passa na fronteira. Nesse limite da vida, excluído o impacto direto das personagens, o sujeito dotado de capacidade de agir intencionalmente e pela capacidade de agir buscará, afetado pelo impulso da leitura em sua vida, o cuidado de si, o cuidado do outro, o cuidado da instituição, para que “possa eu, possas tu, possamos nós viver bem!” (RICOEUR, 1995, p. 162).

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

RICOEUR, Paul. *Leituras 1: em torno do Político*. São Paulo: Loyola, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SAVATER, Fernando. *Ética como Amor-próprio*. São Paulo: Martins fontes, 2000.